

EDUCADORES SOCIAIS: FORMANDO E TRANS 'FORMANDO-SE' EM AGENTES DA PAZ

Silvana Fernandes Rodrigues Gondim

Neste artigo, dissertamos sobre a formação desenvolvida no Centro Educacional da Juventude Pe. João Piamarta, em Fortaleza. Instituição filantrópica da Congregação da Sagrada Família de Nazaré. Nossa parceria teve início quando fomos procurados, há três anos, pela direção que solicitou um trabalho com os jovens concludentes do ensino médio, onde estamos desenvolvendo o projeto intitulado: Um Novo Tempo¹. No presente artigo apresentamos uma experiência de formação com os educadores sociais que acompanham os jovens assistidos pela instituição no contraturno.

A direção, sensibilizada com a questão dos valores humanos e cristãos para uma cultura da paz, pediu-nos que desenvolvêssemos também com os educadores uma formação para que os profissionais fossem instrumentalizados para trabalhar com os alunos, buscando referenciais da paz, a sublimar a agressividade que alguns discente reproduzem do seu contexto social, ajudando-os a encontrar formas construtivas para lidar com as emoções e conflitos. Diante da solicitação, iniciamos uma série de oficinas com os profissionais, para este fim.

Em nosso trabalho temos como referencial a pedagogia libertadora de Paulo Freire que muito nos alimenta em nossa ação educativa, frisando que esta ação educativa não está restrita apenas ao aspecto formal do processo de ensinar e aprender, mas em todos os contextos deste processo. Acreditamos

¹ Para aprofundamento ver Projeto Um Novo Tempo: Protagonismo Juvenil Para Construção da Cultura de Paz. Viegas. Ana Patricia da Silva Mendes Paton. Gondim, Silvana Fernandes Rodrigues. In Matos (2012)

que é na liberdade de expressão e no acolhimento expresso que os sujeitos vão se desconstruindo e se construindo em um contínuo vir a ser, pois o ser humano é inconcluso, histórico e social. Essas dimensões enriquecem as trocas entre os sujeitos que refletem a realidade para transformar a si mesmo e ao ambiente em que estão inseridos. Freire (2007, p.81) nos coloca a questão: ‘Ninguém nasce feito. Vamos fazendo-nos aos poucos, na prática social de que tomamos parte.’

Para execução dessa pesquisa nos utilizamos de pesquisa bibliográfica e pesquisa participante. Coletamos os dados através de observações e relatos dos educadores. Para a realização da formação utilizamos as “oficinas pedagógicas” sobre as quais discorreremos a seguir.

As Oficinas Pedagógicas

O objetivo principal das oficinas em nossa proposta foi formar educadores sociais na área de educação para a paz, a fim de instrumentalizá-los para ações em vista de uma cultura de paz no cotidiano e em suas práticas pedagógicas. Como conteúdo programático elegemos os seguintes temas: Violência/não violência; ressignificação do conceito de conflito; situação de conflito; formas de resolução não violenta; formas de consenso negociação e mediação, o processo de mediação; técnicas de escuta ativa; círculos de cultura; lidando com as emoções; valores positivos, e, por fim, a elaboração de projeto para trabalhar com os jovens. A metodologia proposta nas oficinas utilizada na formação dos educadores sociais é constituir espaços de reflexão, criação e construção do conhecimento, que ‘reiterem a consagrada expressão pedagógica do “aprender-fazendo”, onde se evidencie a importância da ação no processo ensino-aprendizagem’. (GUIMARÃES, 2006, p.20).



Jares (2002) nos propõe que a metodologia didática deve fomentar a participação, o trabalho de grupo e a cooperação. Guimarães (2006) enfatiza que a educação para a paz deve partir da leitura crítica da realidade. Neste sentido, na oficina desenvolvemos trabalho individual, grupal e plenário a partir da realidade dos participantes, com a finalidade de promover a participação de todos.

A estrutura das oficinas propõe, num primeiro momento, um aquecimento que prepara o participante para o início das atividades, integrando-os. Em seguida, temos a “vivência temática”, neste momento o grupo é solicitado a viver e executar uma tarefa referente à temática do dia, partindo, inicialmente, do que o educador possui de experiência ou conhecimento. Nessa etapa, utilizamos vários recursos de mediação, (SOUSA, 2007) para facilitar a expressão. São eles: dramatização; apresentação de vídeos; slides; vivências de relaxamento; colagem; textos; música; desenho; poesia, dentre outros.

Por fim, temos o momento da “sistematização reflexiva”, espaço da articulação das ideias, saberes, valores emergentes, que serão agrupados, e relacionados a uma visão orgânica em um corpo único (SOUSA, 2007, p.85). A cada término da oficina avaliamos, de forma participativa, todos os momentos vividos, analisando a qualidade das ações desenvolvidas, o sentir e o significado do que foi trabalhado, em que se procura investigar a repercussão da temática em suas vidas. São convidados a colocar em prática a aprendizagem. A cada encontro, após o aquecimento, abrimos espaço para ouvir sobre as práticas, e fazer memória da última oficina. Guimarães (2006) sugere os seguintes passos metodológicos: integração, sensibilização, aprofundamento da temática, síntese, reconstrução da prática, avaliação, encerramento e confraternização. Como temos apenas duas horas para desenvolver cada

oficina foi necessário diminuir os passos metodológicos sugeridos pelo autor com veremos a seguir.

A Visão dos Educadores

Iniciamos as oficinas a partir de um questionário² em que perguntamos aos participantes: O aprendizado do convívio é uma necessidade pedagógica? Em que medida esse aprendizado influencia seu trabalho como educador? Existe relação entre a ação educativa e a construção de valores? Justifique. Como você avalia sua bagagem metodológica para enfrentar os conflitos de forma positiva em sua ação educativa? Percebemos, pelas respostas que os educadores sociais sabem da importância de trabalhar as relações interpessoais para um melhor aproveitamento das atividades educativas. Alguns afirmaram que os jovens vivem conflitos intra e interpessoais, compreender o desenvolvimento dessa fase importante nas suas vidas ajuda para que possam se aproximar mais e trabalhar os valores, que darão suporte ao enfrentamento dos desafios a que todos estamos sujeitos. Entretanto, mencionaram que existe a dificuldade em educar os jovens para a prática de valores, ante a cultura de morte e alienação desenvolvida em nossa sociedade, em que os valores materiais se sobrepõem aos valores humanos e espirituais, pois consumir é um imperativo vigente.

No que se refere à “bagagem metodológica”, pelas respostas pudemos inferir que agem muito pelo bom senso e experiência, mas precisam de uma metodologia mais sistematizada, a fim de obterem melhores resultados. Ainda assim, existe um esforço dos profissionais por buscar formas de inter-

² Elaborado pela professora Ana Patrícia da Silva Mendes Paton Viegas



venção e trabalhar os conflitos cotidianos. Todos expuseram o desejo de ampliarem seus conhecimentos “para enfrentar de maneira positiva os problemas existentes.” Verificamos, a partir dos questionários, que o grupo estava sintonizado com o desejo em dialogar, partilhar experiências, conhecimentos, e aprender através das vivências a transformar a postura e ação na concretização de uma cultura de paz, a partir dos referenciais teóricos mencionados.

No transcorrer do desenvolvimento do trabalho o grupo foi ressignificando alguns conceitos tais como: paz, conflito, agressividade, luta, força. A maioria dos educadores tinha a visão de conflito como briga, discussão, ou seja, algo negativo que se deve evitar, enquanto a paz era pensada como um estado de espírito manso, tranquilo, estar bem consigo e com o outro, e agressividade como sinônimo de violência, algo patológico.

Diante das vivências e estudo realizados foram percebendo que estes conceitos eram crenças adquiridas através da educação, da família, escola, meios de comunicação enfim, de uma cultura que propaga a violência, a discriminação, a não aceitação do diferente, a competição e o consumismo desenfreado que reduz o indivíduo a ser uma marionete do sistema capitalista. Eles reconheceram que uma mudança paradigmática será necessária frente ao desafio de trabalhar com os jovens nesta perspectiva da educação para a paz.

Neste sentido, tomaram consciência de suas próprias dificuldades frente a necessidade da mudança de atitude. Durante o tema sobre a resolução de conflitos, trouxeram algumas situações vividas na família, no trabalho e na comunidade. Nesta oportunidade, debatemos e dramatizamos diversas formas de resolução dos conflitos. Foi um momento enriquecedor, onde perceberam que é possível obter soluções



a partir da escuta ativa, da expressão dos sentimentos através das falas. E apresentaram experiências positivas na prática de resolução de conflitos, tanto na família como no trabalho.

É com grande prazer que estamos desenvolvendo estas oficinas com os educadores sociais, pois vemos muitas possibilidades de vivenciarmos experiências exitosas na prática destes profissionais que demonstram interesse pelos conteúdos abordados, colocando em prática e trazendo para nossos encontros as experiências que se constituem fonte de sentidos e significados em suas vidas.

Acreditamos que essa mobilização decorre da necessidade que temos de nos inserirmos em um movimento pela paz, onde podemos encontrar outras pessoas comprometidas a viver no seu cotidiano essa nova perspectiva, sem escamotear os conflitos, encarando-os como uma forma de amadurecimento humano.

Pensando nisto, este projeto foi desenvolvido para contribuir com a divulgação desta cultura que deve alimentar o ser humano nas áreas afetiva, cognitiva, física, social, espiritual. Acreditamos que mudanças são possíveis mediante o fortalecimento das relações entre os seres humanos mediados pela aceitação das diferenças. Sabemos que a sociedade é permeada por conflitos sociais, portanto, faz-se necessário uma intervenção para a constituição de uma sociedade mais justa. É pela aprendizagem nas relações com os outros que construiremos os caminhos necessários para a edificação de uma sociedade melhor.

Neste sentido, temos a crença que a partir do processo de autoconhecimento e reflexão pessoal, os educadores possam ampliar a visão crítica de si mesmos e do mundo, identificando, com mais clareza, suas necessidades, limites e potencialidades, fortalecendo a capacidade de conexão com o outro.

Nas oficinas, priorizamos o diálogo e a participação, para favorecer o conhecimento interpessoal, melhorar a capacidade de comunicação, convivência, respeitar as diferenças individuais e culturais, para que os educadores se aproximassem entre si, descobrindo-se artífices da cultura de paz.

“A Paz só Virá Através da Educação e de uma Política de Paz”

A frase acima foi dita por um dos educadores sociais na segunda oficina que realizamos quando em uma dinâmica, questionamos se era verdadeira a afirmativa de que “há necessidade da guerra para a obtenção da paz.” Guimarães (2009) em uma entrevista afirma que “as pessoas até querem aprender a língua da paz, até já falam algumas palavras, mas tem que haver espaços onde essa alfabetização seja sistematizada. Isso não pode ser espontâneo.”³. O autor informa que existe uma campanha mundial cujo slogan é: “Não há paz sem educação para paz” a intenção é divulgar isso com as pessoas, e obter legitimidade nessa discussão, bem como, conseguir apoio político para que seja incluída a educação para a paz em todos os segmentos da educação, seja formal ou não, “para que possam ensinar pela paz” (2011, p.24). Guimarães (2011, p.24) elucida que em nosso país a educação para a paz ainda não ocupou um espaço de destaque:

No Brasil, a temática começa a ser considerada, embora deva-se reconhecer que ainda não conquistou espaço relevante. O esforço de refletir sobre a violência no meio escolar liga-se, aos poucos, com a introdução da educação para a paz, que começa a ser tematizada em congressos, seminários, revistas de educação e experimentadas em algumas escolas e programas educativos.

³ Entrevista concedida ao site <http://www.comunidadessegura.org>, em janeiro de 2009.

Vivemos em uma cultura que alimenta a sociedade através de inúmeras ideologias, passados pelos meios de comunicação, pela escola, pela família, pelos partidos políticos. Diante de nossas ações para uma cultura de paz e não violência precisamos estar atentos, e perceber o conteúdo oculto que tem como base o “paradigma bélico que nos educa para a violência e que, qualquer ação contra a violência e pela paz, não pode desconhecer” (GUIMARÃES, 2000, p.19).

Freire (1983) acreditava não haver educação para paz sem um descortinar da realidade. Nesse autor, o processo de conscientização é pensar e aprender a perceber as contradições sociais, políticas e econômicas de realizar ações em defesa da paz, em um contexto da educação transformadora e não como domesticação com dispositivos violentos e opressores da realidade de cada um e do grupo (GARCIA, 1983, p.338 *apud* GUIMARÃES, 2011, p.74).

A participação de todos é condição *sine qua non* para que haja liberdade, do contrário, o poder se concentrará nas mãos de poucos. Concentração de poder significa falta de autonomia pessoal e grupal, presença de manipulação. Para que essa construção esteja bem alicerçada, é necessário organizar a participação para intervir na realidade. Participação que possibilite a todos usufruírem dos bens de consumo e de produção, participação que inclui “distribuição do poder, possibilidade de decidir na construção não apenas do ‘como’ ou do ‘com que’ fazer, mas também do ‘o que’ e do “para que fazer” (GANDIM, 2001, p.88).

Segundo Noletto (2008), a participação na construção coletiva suscita no sujeito um sentimento de pertencimento, fortalece o conceito positivo de si mesmo e do alcance do bem-estar comum, requisito para o exercício da cidadania no cotidiano. Todos os envolvidos com a educação devem estar



engajados na luta pela ampliação de espaços democráticos, de valorização das diferentes identidades, de respeito e compreensão da diversidade, objetivando a liberdade e emancipação do sujeito em direção à “superação das injustiças sociais” (FREIRE, 2007, p.103).

Entretanto, para que nós educadores, por excelência, possamos desenvolver uma *práxis* transformadora, teremos de nos revestir de uma adequada compreensão da realidade para não tornar nosso trabalho um mantenedor da atual situação social. Se o profissional não for comprometido com a transformação da sociedade sua prática se manterá a mesma e isto será um retrocesso para todos, como indica Zanella (1998, p.226):

Toda ação humana é necessariamente política, pessoal, social e histórica bem como afetiva, cognitiva, social, motora... em qualquer situação apresentamo – nos como um todo, enquanto sujeitos históricos e socialmente constituídos e, ao mesmo tempo, como constituidores ativos do contexto no qual nos inserimos.

Jares (2002) traz o conceito de educação para a paz como um processo contínuo e permanente, como conteúdo que perpassa o currículo, segundo o autor, a utilização de métodos problematizantes propiciará aos sujeitos o desvelamento crítico da realidade, assim, o indivíduo poderá ter uma intervenção transformadora da mesma. Como princípios, ele defende uma educação para valores e para a ação. “Não há educação para paz se não houver ação” (JARES, 2007, p.45).

Faz-se mister, fortalecer em nossa sociedade, valores humanos como cooperação, solidariedade, preservação do meio ambiente, respeito à diversidade, diálogo, participação e construção coletiva que fomentem a Cultura de Paz. Diante disso, questionamos: que conceito de paz é preciso defender para emergir a esperança na construção de uma sociedade

que preserve a vida em todas as suas dimensões, a justiça sem distinção e que todos possam ter condições de se realizar como seres humanos, dotados de potencialidades?

É a paz que traz em sua essência a justiça social para todos, solidariedade, direitos humanos e sustentabilidade (MATOS, 2010), onde nós somos os artífices desta teia que envolverá toda a humanidade. Muitos já estão abrindo caminhos, reflexões e principalmente agindo para a concretização desta esperança: Matos (2003, 2010), Jares (2002, 2007), Freire (1983, 2007), Guimarães (2000, 2006, 2011), apenas para citar alguns cujo trabalho conhecemos e são referências nesta questão.

Nossa Inconclusão

Estamos desenvolvendo a formação de educação para a paz com os educadores sociais por acreditarmos que ampliar o debate, o diálogo na busca de um consenso em torno da paz, instrumentalizar para a resolução não violenta de conflitos, divulgar o movimento pela paz e suas diversas frentes, propiciar espaço de empoderamento fortalecendo a capacidade de poder que o ser humano tem como caminho de superação, contribuirá para que mais pessoas sejam ativistas da não violência e expressem coletivamente nas atitudes e comportamentos o desejo de viver em uma sociedade onde haja justiça, equidade, resolução positiva de conflito, exercício da cidadania plena, respeito às diferenças, cuidado com a vida em todas as suas dimensões. Desta forma, transformaremos a cultura vigente de nossa sociedade em cultura da paz. No início deste artigo colocamos que a sugestão da formação partiu da direção da escola na pessoa do padre Elvis Marcelino de Lima que dedicou sua vida em prol da juventude, dentro e fora do país. Teve sua



vida abreviada pelo encontro com dois jovens irmãos que não tiveram a oportunidade, ainda, de conhecer a força do amor. Através dos versos da canção a expressão dos nossos sentimentos: “Só o amor muda o que já se fez/ E a força da paz junta todos outra vez/ Venha, já é hora de acender a chama da vida/ E fazer a terra inteira feliz” (ROUPA NOVA, 2013).

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Política e educação*. 8. ed. Rev. ampl. Indaiatuba, SP: Vila das Letras, 2007 (Coleção Dizer a Palavra).

GANDIM, Danilo. A Posição do Planejamento Participativo entre as Ferramentas de Intervenção na realidade. *Currículo sem Fronteiras*, v.1, n.1, p.81-95, 2001.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. Por uma cultura de paz. In: Revista Mundo Jovem, Porto Alegre, V.303, p.19-21, Fev. 2000.

_____. *Educação para a paz: sentidos e dilemas*. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2011.

_____. Aprender a educar para a paz. Instrumental para capacitação de educadores em educação para a paz. Goiás: Rede da Paz, 2006.

JARES XESÚS. *Educação para a paz sua teoria e sua prática*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. *Educar para a paz em tempos difíceis*. São Paulo: Palas Athena, 2007.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude, professores e escola: possibilidades de encontros*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

_____. A paz protege: cultura de paz, juventudes e docentes. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes e JUNIOR, Raimundo

Nonato (Orgs.). *Cultura de paz, ética e espiritualidade*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch. Fortalecendo competências: formação continuada para o programa abrindo espaços: educação e cultura para a paz. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, p.87, 2008. (Serie Saber e Fazer 2)

ROUPA NOVA. *A Paz*. Disponível: <http://www.mundoroupanova.com.br/historia/historia.html> acesso em 13 out. 2013

SOUSA, Maria do Socorro de; FRANÇA, Tânia Maria de Sousa (Coords.). *Diversidade de ações educativas: formar, formando-se*. Fortaleza: Encaixe, 2007.

VIEGAS, Ana Patrícia da Silva Mendes Paton, GONDIM, Silvana Fernandes Rodrigues. Um novo tempo: protagonismo juvenil para construção da cultura de paz In MATOS, Kelma Socorro Alves (Org). *Cultura de paz, ética e espiritualidade III*. Fortaleza, 2012. Ed. UFC.

ZANELLA, Andréa Vieira. Psicologia social e escola. In: MARLENE, N. Strey et al. *Psicologia Social Contemporânea*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p.221-229.